

Mitologias (1957) e ao Raymond Williams de *Cultura e sociedade* (1958). Passa, depois, a explicar uma das problemáticas centrais dos estudos culturais – a das identidades culturais instáveis diante de um cultura que é, ela própria, um construção ideológica -, e analisa a relação entre os estudos literários e os culturais, agrupando argumentos em torno de dois tópicos: o cânone literário e os métodos apropriados para analisar os objetos da cultura.

No que se refere ao primeiro tópico, a expansão dos estudos culturais acompanha a expansão do cânone, observa Culler, levantando a questão acerca da motivação para a seleção de obras para estudo, se ocasionada por sua excelência literária ou por sua representatividade cultural. As respostas possíveis são múltiplas, argumenta. Primeiramente, a excelência literária nunca determinou as obras a serem estudadas. Os critérios de escolha sempre foram historicamente comprometidos com critérios não literários. Além disso, a própria questão da excelência tem sido alvo de debate.

Sobre os métodos de análise, já ao final de sua argumentação ele defende que a leitura cerrada (ou *close reading*, no original inglês) de escritos não necessariamente literários não implicam em sua valoração estética, assim como o fato de imputar questões culturais a obras literárias não significa que soem apenas como documentos de época. Uma tomada de posição, pois, que deixa livre o trabalho tanto a gregos como a troianos, sem se deter nas divergências e polêmicas que têm marcado as vertentes dessa nova disciplina.

Culler, professor de literatura comparada da Universidade de Cornell, é, como se sabe, crítico literário de destaque e um dos mais eminentes representantes da teoria desconstrutivista,

a qual apresenta de modo breve, porém convincente, nesse pequeno livro introdutório, distinguindo, logo no início, as variantes teóricas entre Derrida e Foucault, tantas vezes colocados lado a lado como pós-estruturalistas. “Derrida”, diz ele, “mostra quão teóricas são as obras literárias; Foucault, quão criativamente produtivos são os discursos do conhecimento”.

Literary Theory foi publicado pela primeira vez, em inglês, em 1997, e vertido ao português dois anos depois, ou seja, nos chega com relativa rapidez. A edição brasileira acrescentou à original notas e comentários de rodapé para as referências literárias e críticas feitas por Culler. As notas são mais básicas ainda que a proposta do autor. De Culler, o leitor brasileiro conhece também seu já clássico *Sobre a desconstrução*, lançado pela Rosa dos Ventos, selo da editora Record, em 1997, com tradução de Patrícia Burrowes.

Daisi Vogel

UFSC

Juan Rulfo, Los caminos de la fama pública. Juan Rulfo ante la crítica literario-periodística de México. Una Antología. Selección, nota y estudio introductorio de Leonardo Martínez Carrizales. Fondo de Cultura Económica. México, 1998. pp. 163.

JUAN RULFO, COLOSSO COM PÉS DE BARRO?

Além do título, a capa do livro exibe a capa de um outro livro, em forma de porta chaveada, sobreposta a uma paisagem erma, cobrindo a maior parte da mesma. O muito que é insinuado pelo título do texto, é incrementado com os detalhes para-textuais.

O livro é o resultado de uma encomenda feita pelo Fondo de Cultura Económica, 45 anos após a mesma editora ter lançado o *Llano en llamas*, seguido, dois anos mais tarde, por *Pedro Páramo*, mesmos que integram a obra de Juan Rulfo. Leonardo Martínez Carrizales empreende a tarefa reunindo 15 textos breves aparecidos em seções e suplementos culturais de jornais e revistas literárias, desde 1953 até os anos 70. É a primeira vez que é apresentado num só volume um número expressivo de escritos de crítica jornalista, cobrindo duas décadas e assinados por autores de renome, ainda que de diferentes ideologias. São eles: Edmundo Valadez, Arturo Souto Alabarce, Sergio Fernández, Alí Chumacero, Francisco Zendejas, Salvador Reyes Navares, Archibaldo Burns, Salvador de la Cruz, Carlos Blanco Aguinaga, Carlos Fuentes, Elena Poniatowska, Mariana Frenk, José de la Colina, Manuel Durán e Juan García Ponce.

Abre o livro uma nota explicativa sobre a natureza da antologia; continua com uma introdução crítica, redigida pelo organizador: *La gracia pública de Juan Rulfo: algunos apuntes para la explicación de su prestigio* (pág. 15-30). As 125 páginas seguintes (38-163) estão ocupadas pelos 15 artigos, sendo alguns deles apenas de duas e outros de mais de 20 páginas.

Juan Rulfo, los caminos de la fama pública assume um viés claramente polémico ao questionar, na introdução, a justeza do prestígio que o escritor ganhou assim que os dois livros dele

foram publicados. *Rulfo se colocó, desde los primeros días, en el camino de la consagración definitiva y absoluta* (p. 16). Martínez Carrizales considera que essa exaltação é resultado de conclusões apressadas. O livro de contos, e posteriormente o romance, teriam sido recebidos acriticamente, com um entusiasmo que impossibilitou uma crítica isenta. Mas não faltaram os clarividentes, como por exemplo, Jorge Ruffinelli. Ele, segundo o autor da Antologia, teria reduzido Rulfo à verdadeira dimensão, fazendo com que conquistasse nossa emoção, mas não nossa sensibilidade literária; menos ainda nossa inteligência (pág. 19). Lista, logo mais, uma ladainha de epítetos dispensados a Rulfo, para enseguida arrematar: *Los tópicos abundan, aunque sobre todos ellos se impone una evidencia palmaria: una enorme, universal consideración dispensada a una obra escasa y a un hombre parco* (Id., *ibid.*).

Não obstante essa atitude crítica do compilador, a media dos 15 artigos da antologia aponta mais para o aspecto positivo. A narrativa de Juan Rulfo é vista como o divisor de águas entre a “Novela de la Revolución mexicana”, que tinha chegado ao seu limite, e a “Nueva Novela” latino-americana que apareceu na metade deste século. Rulfo é elogiado pela habilidade em utilizar-se da linguagem popular na sua narrativa, conferindo ao mesmo o status de **poético**, realizando um trabalho análogo ao do poeta andaluz García Lorca. Mariana Franke, tradutora de *Pedro Páramo* ao alemão, coloca Juan Rulfo no Olimpo dos grandes narradores, ao lado de Kafka, Proust, Faulkner, etc. A obra por ela traduzida é objeto de numerosas resenhas e rasgados elogios. Frenk vê em *Pedro Páramo* os traços que caracterizam a “Nueva Novela”: uma alteração revolucionária da estrutura clássica, ou, se preferimos, uma

desconstrução dos padrões até então em vigor. Carlos Fuentes destaca o simbolismo, principalmente do romance de Rulfo. Os mitos universais não são apenas adotados ou adaptados: *Su arte (de Rulfo) es tal, que la transposición no es tal; la imaginación mítica renace en el suelo mexicano* (p. 154).

No entanto, nem tudo é louvor nos 15 escritos compilados. O principal alvo da crítica é o romance. A concisão de *Pedro Páramo* é vista por Francisco Zendejas como um esquematismo, aquém do que é legítimo esperar de um romance. Ali Chumacero elogia os contos, mas a propósito do romance, comenta: *Primordialmente, PP intenta ser una obra fantástica, pero la fantasía empieza donde lo real aún no termina* (p. 62). A seguir assinala a falta de um núcleo que dê a necessária coesão aos diversos episódios. Devido justamente a essa lacuna, *su lectura nos deja a la postre una serie de escenas hiladas solamente por el valor de cada una* (p. 63).

Habilmente manipulados pelo Organizador do livro, tanto as críticas quanto os elogios podem ser usados para reforçar a sua tese, isto é, a de que o prestígio dispensado a Rulfo é antes um culto à pessoa e não mérito da obra. O predomínio dos encômios é a vociferação dos admiradores, enlevados com a “nova forma de narrar”, e o abafamento dos críticos mais esclarecidos que já desde os anos 50 apontaram as falhas, principalmente de *Pedro Páramo*. *El prestigio de un escritor no sólo se explica por la composición de su obra, sino por los lectores que administran y cultivan su fama pública* (p. 15).

A primeira reação ao livro *Juan Rulfo, los caminos...*, veio de Juan Paulo Rulfo, filho do escritor. Critica acidamente a tese defendida pelo compilador do livro e lamenta que os arti-

gos da antologia sejam reproduzidos sem a necessária contextualização. Ele diz não reivindicar para o pai tão só elogios, mas sim uma crítica séria, de alto nível. *Que se haga algo completo, objetivo, profesional* (Proceso, Semanario de Información y Análisis, Nº 1132, p. 55). Em suma, Juan Paulo vê uma campanha denigrativa contra o pai. E conclui: *A mi padre muchos intelectuales nunca le perdonaron su timidez y carácter retraído. Si alguien estaba alejado formalmente y en los hechos de la manera en que opera la “banca literaria”, lo era y fue siempre él* (Id., ibid.).

O livro organizado por Leonardo Martínez Carrizales vem enriquecer o acervo “rulfiano”, ao lado de *Juan Rulfo, del Páramo a la Esperanza*, de Yvete Jiménez de Báez e de *Ecos del Páramo*, de Fabienne Bradu, ambos publicados pelo Fondo de Cultura Económica. É provável que *Juan Rulfo, los caminos...* provoque reações encontradas, isto é, adesões à tese de Martínez Carrizales e defensores de Rulfo, no extremo oposto. A modestia do escritor, a fuga dos holofotes publicitários podem ter suscitado o efeito contrário, de acordo com o ditado evangélico: *... quem se humilha será exaltado*. Transcorridos 12 anos do falecimento do autor, os olhares dirigem-se mais serenamente à obra. Será o mito *Juan Rulfo* um colosso com pés de barro? Certamente não. Talvez a crítica subsequente reduza o tamanho “colossal” atribuído ao escritor por seus admiradores. Mas os abalos da polêmica em curso não farão senão constatar que o monumento assenta num sólido pedestal.

Rafael Camorlinga Alcaraz;

UFSC